



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao programa É Notícia, da Rede TV!**

**Juazeiro do Norte-CE, 14 de dezembro de 2010**

**PARTE 1**  
**HOTEL**

**Jornalista:** Boa noite. É Notícia entrevista hoje o presidente Lula, que vai deixar o Palácio do Planalto daqui a duas semanas.

Presidente, boa noite para o senhor.

**Presidente:** Boa noite, Kennedy.

**Jornalista:** Presidente, qual emoção é maior: a de quando assumiu a Presidência da República ou essa, quando está deixando, depois de oito anos de poder?

**Presidente:** É que são emoções diferentes, não é? Eu penso que nada substitui a emoção de subir a rampa do Palácio do Planalto e receber a faixa. Agora, a emoção de você descer a rampa depois de um governo bem-sucedido, depois de um governo vitorioso, também é uma sensação gostosa, aquela sensação de dever cumprido. Eu vou sair pela mesma rampa que eu subi, de cabeça erguida, com a minha família, se Deus quiser com o José Alencar, tendo a certeza de que nós não fizemos tudo, mas fizemos muita coisa neste país.

**Jornalista:** Agora, bate também um vazio, uma tristeza de estar saindo?



**Presidente:** Bate, mas essa tristeza... Eu lembro que eu morava numa rua lá na Vila Carioca, em São Paulo, no bairro do Ipiranga, que enchia d'água e quando eu mudei, eu fiquei com saudade. Você também deve ter ficado com saudade quando você mudou dos lugares, ou seja, você vai ficando apegado às coisas. Mas é uma saudade diferente porque quando você entra, você sabe que o mandato tem um prazo determinado e você sabe que tem que sair.

**Jornalista:** O que é mais gostoso em ser presidente, mais legal?

**Presidente:** Olha, o mais legal de tudo é você poder realizar as coisas que você sonhou, que você acreditou. Eu penso que o nosso governo conseguiu fazer grande parte daquilo que foi a minha própria vida, ou seja, tudo aquilo que eu construí junto com o movimento social, aquilo que eu construí no PT, nós conseguimos realizar uma grande parte no governo. Aliás, se você pegar o programa de governo que eu fiz para 2002 e para 2006, você vai perceber que nós cumprimos quase tudo o que nós prometemos.

**Jornalista:** E o mais difícil, o mais duro, mais doloroso na Presidência?

**Presidente:** Olha, o mais doloroso é a vida de um presidente. Ô Kennedy, a vida de um presidente é uma coisa muito solitária. Eu fiquei oito anos em Brasília, eu nunca fui num jantar, eu nunca fui num aniversário, eu nunca fui (incompreensível)...

**Jornalista:** Dava umas escapadinhas ali na Vila Planalto, não?

**Presidente:** Nunca. Eu nunca saí, sabe por quê? Porque eu achava que você fica muito exposto quando você vai, sobretudo em um mundo em que o celular



grava, tira fotografia, filma... Então, eu evitei, evitei. Então, a minha vida era sair do Palácio do Planalto e ir para casa. A mesma vidinha que eu tinha em São Bernardo, com a dona Marisa, eu tive em oito anos de mandato. Então, eu não pude levar... eu não convocava um ministro para ir para casa... não convidava porque se eu convidasse...

**Jornalista:** O Lula era trabalho mesmo, só trabalho.

**Presidente:** Só trabalho. Então, essa coisa é uma coisa... A maioria dos domingos eu passei sozinho com Marisa, no Planalto [no Alvorada], a maioria dos domingos, em oito anos.

**Jornalista:** E falava com ela de política? Porque a dona Marisa é uma figura muito forte (incompreensível).

**Presidente:** Falamos de política, e a Marisa dá conselho, a Marisa dá palpite, a Marisa fala das coisas que ela sente e, normalmente, a Marisa tem razão nas coisas porque ela fala coisas que o povo pensa. Então, essa foi uma coisa que... Eu não sei, tem presidente que vai a festa, que faz coquetel, que faz... eu não consegui fazer isso, não tinha vontade de fazer isso...

**Jornalista:** O senhor se lembra de uma decisão importante que o senhor tomou, influenciado pela dona Marisa, que ela chamou a atenção do senhor - "isso é importante" - presidente Lula?

**Presidente:** Muitas decisões... veja, eu vou te dar um exemplo de coisas importantes, que a Marisa me ajudou, eu poderia pegar a campanha de 2006. A Marisa era a maior incentivadora de que eu deveria ir aos debates, que eu



deveria ir triturar os meus adversários, e eu achava que eu não deveria ir. Ela estava certa.

**Jornalista:** Acabou não indo, e foi pior (incompreensível), não é?

**Presidente:** Ela estava certa, ela estava certa.

**Jornalista:** Presidente, o senhor ontem, segunda-feira... nós estamos aqui gravando com o Presidente em Juazeiro do Norte, estamos acompanhando dois dias de viagem do Presidente, por três estados brasileiros: Ceará, Paraíba e Pernambuco. E hoje, terça-feira, vamos acompanhar o Presidente numa visita às obras de transposição das águas do rio São Francisco. Ontem, no discurso do senhor lá no Ceará, o senhor pegou e disse o seguinte, usou as palavras “predestinado”, “fazer política com paixão, com emoção, com o coração”. Quando o senhor fala “predestinado”, o senhor acha que a sua chegada à Presidência da República foi um desígnio divino, foi um destino que estava traçado pelos deuses, Presidente? O senhor acredita nisso?

**Presidente:** Pelos deuses, não, eu acredito em Deus. Veja, eu tenho clareza de uma coisa. Nós estávamos fazendo um ato em Missão Velha...

**Jornalista:** Missão Velha, isso.

**Presidente:** ...no Ceará.

**Jornalista:** Me fugiu a palavra, a cidade...

**Presidente:** Bem, o problema é o seguinte: eu sou um homem que acredita em Deus. Eu acredito num ser superior que criou tudo isso. Não havia



previsibilidade nos livros de sociologia de que eu pudesse criar um partido, como eu criei. Você é muito jovem, mas na década de 80 o pessoal dizia: “Você vai criar um partido dos trabalhadores? Isso, ninguém nunca criou...”

**Jornalista:** Eu me lembro.

**Presidente:** ...não é possível criar.

**Jornalista:** O começo do PT foi muito difícil.

**Presidente:** Depois, “você querer ser presidente da República?”. Então, eu cheguei lá, eu cheguei lá, talvez não por meu mérito pessoal, porque eu acho que há o dedo de Deus nessa coisa.

**Jornalista:** Mas por que não é o mérito? A coisa de ser o dedo de Deus, Presidente...

**Presidente:** Não, veja, eu acho que tem mérito porque...

**Jornalista:** ...não tira... não desqualifica a sua chegada à Presidência como um líder popular?

**Presidente:** Não, não, não. Eu acho que o apoio de Deus não desqualifica ninguém, pelo contrário, eu acho que qualifica todo mundo.

**Jornalista:** Não mistura as coisas? Não mistifica?

**Presidente:** Eu acho que se eu não tivesse mérito, eu não tinha chegado aonde eu cheguei, é verdade, é verdade. Agora, tem muita gente que se dizia



mais preparada do que eu, que leu mais do que eu, que estudou mais do que eu, que achava que era mais competente que eu e não chegou. Ou seja, se eu cheguei é porque, além de eu ter um partido preparado, além de eu ter me preparado para chegar, eu acho que tem outras forças que atuaram.

**Jornalista:** Que atuaram ali.

**Presidente:** ... que atuaram.

**Jornalista:** E o que é essa coisa de fazer política com o coração, emoção, paixão? O que é esse lado do presidente Lula, na hora de governar?

**Presidente:** Olha, o problema é o seguinte: é que eu não consigo conceber um ser humano sem sentimento, eu não consigo conceber uma pessoa que não chore, que não sinta...

**Jornalista:** Se emocione...

**Presidente:** Emocionar com gesto, com ato, com... Eu sou um poço de emoção, eu sinto o drama das pessoas, eu já vivi o que aquelas pessoas vivem, eu sei cada sofrimento que essas pessoas tiveram, eu já tive na vida.

**Jornalista:** Agora, tem que ter sangue frio (incompreensível) na Presidência (incompreensível).

**Presidente:** Não, mas não tem que ter sangue frio. Você tem que ter consciência de que você tem que estar sempre dizendo a verdade, fazendo as coisas que têm que ser feitas, porque é como na sua relação com os filhos: você não precisa dar tudo que o filho pede. Você, muitas vezes, tem que dizer



“não”, e tem que dizer “não” duro para os filhos, e eles têm que compreender que você está fazendo para o bem deles. Então, quando você diz “não”, as pessoas precisam compreender que você não pode fazer aquilo; quando você pode, você faça. Se você criar essa relação verdadeira com a sociedade, fica muito fácil governar o país.

**Jornalista:** Presidente, o que mais surpreendeu o senhor quando o senhor chegou à Presidência da República? Que o senhor olhou e falou: “Isso aqui é muito diferente do que eu tinha imaginado”.

**Presidente:** (incompreensível) caso. A primeira semana na Presidência é uma semana que eu considero a semana da descoberta. Eu, deitado, ficava olhando e dizia: Eu estou aqui dentro, no Palácio da Alvorada... estou dormindo aqui. Será que é verdade? Será que eu sou o presidente mesmo? Eu levantava de manhã e ia para o Palácio do Planalto e falava: Será que sou eu mesmo? Leva um tempo para você acordar e falar: Não, eu sou o presidente mesmo!...

**Jornalista:** Isso por quê? Porque não tinha ganhado três vezes antes? Era um pouco aquela coisa de “talvez eu chegasse”, o medo de não chegar, Presidente?

**Presidente:** Veja, porque... é porque era uma coisa, era uma coisa que tinha pouca... Veja, a verdade é o seguinte: é que se você conversasse com um estudioso qualquer, ele dizia que era difícil. Você está lembrado que a direita brincava... Brincava, não. A direita mostrava o seu preconceito dizendo “Ah, o Lula e a Marisa vão se cansar de lavar os vidros do Alvorada. A dona Marisa não está preparada para isso”, que era a visão que eles tinham dos trabalhadores, que era a visão que eles tinham de mim. Então, uma coisa importante foi que esse preconceito raivoso dos setores conservadores da



sociedade brasileira me fez mais forte porque eu tinha que provar, todo santo dia, que eu tinha que ser mais capaz do que eles.

**Jornalista:** O senhor não se queixa muito dessa coisa do preconceito, até com uma certa vitimização, como alguns analistas dizem?

**Presidente:** Não, não.

**Jornalista:** É o seguinte: o senhor é uma pessoa vitoriosa.

**Presidente:** Eu sei, é porque...

**Jornalista:** Se houvesse um preconceito que fosse intransponível, o senhor não teria chegado onde chegou.

**Presidente:** É por isso que eu tenho que falar do preconceito, porque eu sou vitorioso, porque o preconceito é a pior doença que existe no mundo.

**Jornalista:** Que preconceito têm contra o senhor?

**Presidente:** Não tem nada mais preconceituoso...

**Jornalista:** Qual é o preconceito que há contra (incompreensível)?

**Presidente:** Então, deixa eu lhe contar uma coisa.

Ah, todos, tudo...

**Jornalista:** Hoje há (incompreensível) senhor?





**Presidente:** Não sei se há preconceito hoje.

**Jornalista:** O senhor participa de jantares com vários líderes empresariais...

**Presidente:** Eu não me preocupo. Não tenho preocupação de participar de jantar. Para mim, jantar com grandes líderes e jantar com catador de papel é a mesma coisa.

**Jornalista:** Sim, mas a classe política, a elite o respeita hoje, não é?

**Presidente:** Não, veja, ela me respeita como eu sempre a respeitei, respeita. Agora, é importante lembrar que toda essa gente que tinha medo de mim e tinha preconceito ganhou mais dinheiro no meu governo do que em todos os governos anteriores. Nunca ganharam tanto dinheiro.

**Jornalista:** O senhor se sente bem (incompreensível)?

**Presidente:** Então, eu falo do preconceito porque eu quero combater o preconceito. É o preconceito contra a Aids, é o preconceito contra o negro, é o preconceito contra o nordestino, é o preconceito contra o pobre, é o preconceito contra a liberdade sexual. Eu... é o preconceito contra a religião, uma religião com preconceito contra a outra. Como eu acho que o preconceito é uma doença, eu quero viver combatendo o preconceito. As pessoas precisam se tratar como iguais e respeitar as nossas diferenças. Se a gente conseguir fazer isso, o mundo será perfeito.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou aí que na primeira semana conversava com a dona Marisa. Até contou, já, numa entrevista – aquela que a gente fez no ano passado – que “ela dava um beliscão para ver se era verdade” e tal.



Hoje, o que o senhor está conversando com a dona Marisa quando chega, de noite, lá no Palácio da Alvorada, aí, a 15 dias de deixar a Presidência?

**Presidente:** Não, não estamos conversando. Ela passou dez dias em São Paulo, tentando arrumar o apartamento para a gente voltar...

**Jornalista:** Em São Bernardo do Campo.

**Presidente:** É, em São Bernardo do Campo. Agora ela está em Brasília, tentando embrulhar as coisas que a gente vai levar, e depois a gente passa o Natal em Brasília. Eu tenho conversado pouco. Eu só sei que ela está trabalhando mais do que eu para poder montar as coisas para voltar. Eu quero voltar para o mesmo apartamento de onde eu saí e quero voltar para o mesmo Instituto de onde eu saí.

**Jornalista:** Ali no Bairro do Ipiranga.

**Presidente:** Lá no Ipiranga, lá no Ipiranga.

**Jornalista:** Quem vai com o senhor vai ser a Clara Ant, Vannuchi, Dulci.

**Presidente:** Não, não tem, decidido, ninguém. Não, não. Eu estou vendo a imprensa dizer que vai fulano, eu não conversei com ninguém, não convidei ninguém, absolutamente ninguém, nem conversei com ninguém e nem defini ainda que tipo de coisa que eu quero fazer.

**Jornalista:** Chegar dia 1º...

**Presidente:** Eu, a primeira coisa que eu quero fazer, Kennedy, é



“desencarnar”. E eu sei que leva um tempo.

**Jornalista:** O que é desencarnar?

**Presidente:** Eu quero tirar tudo da Presidência de dentro de mim. Eu preciso voltar a ser o Lula, eu preciso voltar a ser um cidadão mais próximo da normalidade possível, porque se eu deixo a Presidência no dia 1º e no dia 2 eu começo a dar palpite na política, eu vou estar tendo ingerência em coisas que eu não devo ter ingerência e eu vou estar sem saber sair da Presidência.

**Jornalista:** Muita gente diz que essa confusão está acontecendo um pouco, Presidente, que, assim, o senhor já deu um puxão de orelha no Guido Mantega por causa da coisa do orçamento; que estaria, na visão de alguns analistas, opinando em demasia sobre a formação do governo.

**Presidente:** Até o dia 31 de abril [dezembro] eu dou o puxão de orelha em quem eu quiser, porque eu sou o presidente da República.

**Jornalista:** Tem mandato para isso.

**Presidente:** Tenho mandato para isso. Não, mas eu não dou puxão de orelha em ninguém. Aliás, eu sou engraçado porque eu sou um presidente que não determina, eu converso com as pessoas.

**Jornalista:** Mas o senhor fica bravo, o senhor tem explosões.

**Presidente:** Eu fico bravo, tenho explosões, e graças a Deus eu tenho, porque isso coloca um pouco de ordem na casa. Deixa eu lhe falar uma coisa.



**Jornalista:** Diga.

**Presidente:** É a primeira vez que eu falo isso, Kennedy. Eu tenho acompanhado alguns editoriais, eu tenho acompanhado alguns colunistas, e eu acho muito engraçado o incômodo que eles têm, dizendo que eu estou montando...

**Jornalista:** O governo da Dilma.

**Presidente:** ... o governo da Dilma, que o Guido foi meu ministro, que o Paulo Bernardo foi meu ministro. Será que essas pessoas perderam o bom senso, Kennedy?

**Jornalista:** Por que, Presidente?

**Presidente:** Veja, porque a Dilma foi ministra-chefe da Casa Civil, a Dilma coordenava o governo. A Dilma se reuniu mais com o Guido do que eu, a Dilma se reuniu mais com o Paulo Bernardo do que eu, a Dilma se reuniu mais com os ministros do meu governo do que eu, porque antes de os ministros chegarem a mim eram precedidos de três, quatro, cinco reuniões com a Casa Civil. Então, os ministros que a Dilma escolheu são mais amigos da Dilma do que meus.

**Jornalista:** Da turma dela, também.

**Presidente:** Na verdade, ela escolheu a turma dela. Por coincidência, é a minha turma. Mas, do ponto de vista da convivência, a Dilma conviveu muito mais com eles... Só para você ter uma ideia: o ministro dos Transportes, antes de eu fazer uma reunião mensal para avaliar o PAC, a Casa Civil fazia três ou



quatro reuniões, com a Dilma. Então, a Dilma conhece muito mais as pessoas que ela convocou, do que eu.

**Jornalista:** Ela disse em uma entrevista para o “É Notícia” que ela queria governar “com o descortino do presidente Lula”, ou seja, que ela também queria ouvir o senhor. O senhor acha que vai ser natural ela pedir opiniões ao senhor? Reservado, não publicamente, mas tocar um (incompreensível)...

**Presidente:** Seria normal... Olha, seria normal, seria normal a Dilma conversar comigo em público, em qualquer lugar. Seria normal [anormal] ela pedir conselho para o Serra.

**Jornalista:** Claro, está (incompreensível).

**Presidente:** O normal seria pedir para mim, o normal seria discutir comigo.

**Jornalista:** O senhor acha que a imprensa está sendo injusta com o senhor nesse final de governo?

**Presidente:** Não, não... a imprensa sempre foi justa comigo.

**Jornalista:** O senhor acha mesmo?

**Presidente:** Nenhuma queixa da imprensa.

**Jornalista:** Claro que tem queixa da imprensa.

**Presidente:** Eu não tenho queixa, eu não tenho queixa, não tenho queixa. (incompreensível) preconceito, eu sou um vitorioso.



**Jornalista:** Outro dia...

**Presidente:** Então, quem é vitorioso não se queixa.

**Jornalista:** Outro dia, o repórter Leonencio Nossa, do Estadão, fez a pergunta para o senhor: “Como o senhor se sentia lá no Maranhão? Se estaria lá agradecendo o apoio da oligarquia Sarney?”. O senhor se lembra, quando o senhor estava na oposição, o senhor fez discursos muito duros contra o Sarney. Depois, no governo, o senhor fez uma autocrítica. Não é natural, Presidente, que um repórter faça uma pergunta dessas, num estado que tem os indicadores sociais que o Maranhão tem, que de fato é dominado pela oligarquia Sarney? O Lula, aí, não foi...

**Presidente:** Eu acho...

**Jornalista:** “Ah, vai se tratar, procurar um psicanalista...”. Não é intolerância do senhor?

**Presidente:** Não é intolerância, não. Eu disse que ele era um menino preconceituoso...

**Jornalista:** Por quê? É o conceito, não é?

**Presidente:** ...e que preconceito é uma doença, precisa se tratar.

**Jornalista:** Mas, no caso, não era um conceito, Presidente?

**Presidente:** Deixa eu lhe contar uma coisa. O Sarney foi governador do



Maranhão em 1965, nós estamos em 2010.

**Jornalista:** Mas o grupo político dele (incompreensível).

**Presidente:** (incompreensível) o grupo político dele, não. Quem estava governando lá era a oposição, quem estava governando lá era a oposição. Colocar em dúvida o meu relacionamento com o Sarney... Eu estou me relacionando com uma instituição chamada Congresso Nacional, chamada Senado. Eu não escolho quem vai para lá, eu não voto em quem vai para lá, eu não escolho o presidente de lá. Eu convivo com quem está lá.

**Jornalista:** Mas o senhor influencia.

**Presidente:** Eu convivi... eu não influencio.

**Jornalista:** Claro, o senhor (incompreensível) o Executivo, o Legislativo.

**Presidente:** Eu convivi com o Severino, eu convivi com o Severino...

**Jornalista:** Tem que negociar.

**Presidente:** ...e conviveria com outro qualquer que fosse presidente. Quando eu esperava a vitória do Greenhalgh - eu estava em Georgetown, na Guiana - que ganhou o Severino, eu, às oito horas da manhã, liguei para o Severino, para dar os parabéns para ele.

**Jornalista:** ... Mas o senhor ajudou a segurar o Sarney na Presidência do Senado...



**Presidente:** Não se trata de o Lula acordar ou não. Não se trata... não, veja...

**Jornalista:** Mas o senhor não ajudou?

**Presidente:** Ajudei, não.

**Jornalista:** O senhor deu apoio político a ele...

**Presidente:** Eu ajudei a manter a institucionalidade daquele país [Senado], porque o que estava acontecendo ali...

**Jornalista:** Isso. Senado. O que o senhor acha que estava acontecendo?

**Presidente:** O que estava acontecendo era uma tentativa de golpe no Senado para que o vice, tucano, assumisse.

**Jornalista:** O Marconi Perillo.

**Presidente:** É lógico, é lógico. Só um ingênuo é que não percebe essas coisas.

**Jornalista:** O senhor acha foi uma tentativa da oposição de eliminar o senhor?

**Presidente:** Porque quem era o Primeiro-Secretário, há mais de dez anos, no Senado?

**Jornalista:** Era o Heráclito Fortes.





**Presidente:** Era o Heráclito Fortes. Em nenhum momento, em nenhum momento, a imprensa citou o Heráclito Fortes com qualquer compromisso com aqueles contratos... Como se chamava?

**Jornalista:** A Primeira-Secretaria lá, não é? (incompreensível).

**Presidente:** Não, não, é... Atos secretos.

**Jornalista:** Atos secretos do Senado.

**Presidente:** Em nenhum momento, em nenhum momento envolveram o Heráclito, que era o Primeiro-Secretário, que era o cara que contratava com os atos secretos.

\_\_\_\_\_ : É que a Primeira-Secretaria (incompreensível) Senado.

**Presidente:** Havia, então havia, havia... O PSDB tinha perdido as eleições...

**Jornalista:** Em 2006.

**Presidente:** Então, o PSDB tentou ter uma parcela de poder – não tinha na Câmara, “vamos tentar ter no Senado”. Aliás, por erro do próprio presidente Sarney, porque o presidente Sarney poderia ter sido presidente do Senado em um acordo com o PT.

**Jornalista:** Acabou que preferiu...

**Presidente:** Acabaram, não sei por quê...



**Jornalista:** Brigando, não é?

**Presidente:** Isso não está explicado ainda. Acabou o Sarney sendo Presidente pelos braços do PFL.

**Jornalista:** E do PSDB que (incompreensível) tiraram o apoio, não é?

**Presidente:** ... desnecessariamente. Não. O PSDB até que apoiou o Tião Viana.

**Jornalista:** É verdade, o PSDB apoiou o Tião Viana, é isso mesmo.

**Presidente:** Então, eu não consigo compreender, porque o Sarney poderia ter sido presidente com o apoio do PT, e o PT poderia ter tido a vice.

**Jornalista:** Foi um erro político do Sarney (incompreensível).

**Presidente:** Eu acho que houve um erro político de quem articulou a campanha no Senado.

**Jornalista:** Presidente, eu queria perguntar para o senhor o seguinte: Dos líderes mundiais que o senhor encontrou e conheceu, qual foi o que mais impressionou o senhor? Uma impressão positiva.

**Presidente:** Olha, Kennedy, olha, eu tenho um profundo respeito pelo primeiro-ministro Singh, da Índia, é um homem extremamente sério.

**Jornalista:** Manmohan Singh.



**Presidente:** Eu tenho um profundo respeito pelo Hu Jintao, ele teve uma relação muito boa comigo. Acho que o Bush tratou muito bem o Brasil no tempo em que ele foi presidente da República.

**Jornalista:** ...do presidente da China e presidente dos Estados Unidos, respectivamente.

**Presidente:** Acho que o companheiro Chirac foi muito...

**Jornalista:** Jacques Chirac.

**Presidente:** ...muito, muito, muito importante para o Brasil. Acho que o Sarkozy está sendo importante na relação com o Brasil.

**Jornalista:** O Sarkozy, o senhor não ficou um pouco chateado com essa posição dele em relação ao Irã? Ele fez aliança com os Estados Unidos, contra o Brasil.

**Presidente:** Aí, eu posso contar mais detalhes depois.

**Jornalista:** Tá.

**Presidente:** Acho que o Gordon Brown foi muito importante no meu primeiro mandato...

**Jornalista:** O primeiro-ministro inglês.

**Presidente:** ...era ministro da Economia do Tony Blair...



**Jornalista:** (incompreensível) verdade...

**Presidente:** ...e depois assumiu. Ele foi muito importante porque ele era uma espécie de defensor do Brasil nos fóruns internacionais e ajudou a dar credibilidade ao Brasil. Então...

**Jornalista:** Quem é mais seu amigo, desses líderes todos?

**Presidente:** Na verdade...

**Jornalista:** É o Hugo Chávez? É o Fidel Castro?

**Presidente:** Deixa eu lhe falar uma coisa. Aqui na América do Sul é diferente. Aqui eu tenho uma mistura de relação de chefe de Estado com uma relação de amigo e de companheiro. O Chávez, o Kirchner, o Evo Morales, o Tabaré, agora o Pepe Mujica, são companheiros. Eles são presidentes, mas são companheiros, que a gente vai continuar tendo uma boa relação, independentemente de ser presidente ou não. Eu tenho belas relações no continente africano. Acho que o Brasil se fortaleceu muito. Uma coisa engraçada é que todos eles me trataram muito bem. Eu sou agradecido porque eu fui muito respeitado. Eles contribuíram muito para que o Brasil chegasse a esse patamar de credibilidade internacional que o Brasil tem. Eu acho que pela relação, pelo jeito de ser, pelo... Você sabe que eu gosto de conversar pegando na mão, eu gosto de conversar tocando nas pessoas, porque eu acho que a relação humana é isso, é uma química, é uma coisa que...

**Jornalista:** E com o Obama, o senhor tem uma boa relação?

**Presidente:** Tenho boa relação. Bom, eu sou fã do Obama, torço para o



Obama. Agora, eu acho que o Obama cometeu alguns erros políticos.

**Jornalista:** Quais?

**Presidente:** Aqui, não cabe a eu dizer.

**Jornalista:** Ah, diga, Presidente.

**Presidente:** Erros políticos. Não, deixa terminar o meu mandato, que eu digo. Mas... sabe o que acontece? É que eu acho que o Obama, ele não tinha que fazer muita coisa nos Estados Unidos. Ele só tinha que ter a ousadia que o povo americano teve votando nele.

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** Segundo, ele recebeu uma herança maldita do governo Bush, uma... o país quebrou. Como ele não tomou as atitudes na hora certa, veio para as costas dele. E eu dizia para ele: presidente Obama, se você não fizer as coisas corretas, daqui a um ano essa crise está nas tuas costas.

**Jornalista:** A conta é sua.

**Presidente:** Porque a crise era do Bush, não era dele. Ele foi eleito por conta da crise. Mas é uma figura para quem eu torço, sabe por que, Kennedy, eu acho que a vitória de um negro jovem nos Estados Unidos tem o mesmo significado da história de um índio na Bolívia, da minha no Brasil. Ou seja, são outros segmentos da sociedade, que eram marginalizados, em ascensão. E eu acho maravilhoso o Brasil, porque o Brasil, com a minha eleição, o Brasil já tinha passado por todos os segmentos sociais, faltava um trabalhador, cheguei.



E agora deu outro passo revolucionário ao eleger uma mulher. Eu acho extraordinário no Brasil, e o que é importante... é por isso que eu valorizo a democracia, Kennedy, porque isso só acontece na democracia.

**Jornalista:** Presidente, vou pedir licença ao senhor, um minutinho. O *É Notícia* volta daqui a pouco, com o presidente Lula.

**Jornalista:** Olá! Estamos de volta com o presidente Lula. Presidente, a *Folha de São Paulo* publicou hoje um caderno especial e lá tem uma pesquisa da *Datafolha* que tem a última pesquisa, após sete anos e 11 meses de governo, está encerrando o seu mandato com 83% de popularidade, é o índice mais alto da série histórica. Apenas 13% consideram o governo do senhor regular e 4[%] consideram ruim ou péssimo. O que o senhor acha que explica esses números, Presidente?

**Presidente:** Olha, eu acho que o que explica isso, Kennedy, é o resultado do trabalho. Kennedy, as pessoas podem olhar o Brasil e dizer: “O Lula não fez tudo”. Mas se você comparar o Brasil do meu governo com o Brasil de 20 anos atrás... Eu estava como dirigente sindical em [19]78, Kennedy, de [19]78 até 2000, o país só decresceu.

**Jornalista:** Década perdida.

**Presidente:** A famosa década perdida. A construção civil não gerou emprego positivo, era só (incompreensível). O setor naval acabou, o setor metalúrgico acabou. Só para você ter ideia, só no setor metalúrgico, nós já recuperamos mais de 800 mil empregos. Na indústria naval, que estava terminada, tinha só 1,6 mil trabalhadores, nós recuperamos. Então, eu acho que o povo está percebendo isso. E a combinação do desenvolvimento, com as políticas



sociais, não adianta alguém falar mal de mim, porque o cara está recebendo uma casa dele...

**Jornalista:** Olha a leitura do povo: quando perguntado sobre a área de melhor desempenho do seu governo, Presidente, 19% disseram que é nas áreas relacionadas à fome e à miséria, área social. O desempenho na economia foi o segundo mais citado, com 13%, espontaneamente isso. Seguido pelo emprego, geração de emprego, 10%. O senhor acha que essa fotografia histórica, que ressalta mais a questão social e a economia, é a que vai ficar?

**Presidente:** Mas é... A questão social é a minha cara. É a cara da minha vida política, é a cara da minha origem política, é a cara de tudo o que eu participei. Uma coisa, Kennedy, que é pouco ressaltada no Brasil é o que está acontecendo no Brasil do ponto de vista de geração de emprego. Você sabe que eu tenho ego, eu, às vezes, demonstro, às vezes, não demonstro. Mas, por exemplo, quando eu pego uma notícia e vejo que o desemprego no Brasil chegou a 6,1%.

**Jornalista:** Massageia o ego.

**Presidente:** Eu lembro que na década de [19]80, a gente lia isso desemprego nos Estados Unidos, na Europa, no Brasil (incompreensível).

**Jornalista:** É quase pleno emprego.

**Presidente:** É quase pleno emprego. Criar 15 milhões de empregos...

**Jornalista:** Agora, tem problema na economia pela frente aí (incompreensível).



**Presidente:** Agora, veja, deixa eu lhe falar uma coisa: este ano, os Estados Unidos tiveram 60 mil empregos a menos. Nós tivemos até - do dia 1º de janeiro ao dia 30 de outubro - 2 milhões 409 mil empregos de carteira assinada.

**Jornalista:** Agora, só nesse (incompreensível).

**Presidente:** Nós poderemos ter problema na economia. Ou seja....

**Jornalista:** A questão dos juros, por exemplo, o senhor pegou com juro real mais alto e está saindo com juro real mais alto. Eu lembro que, durante o governo, o senhor deu liberdade para o Banco Central, mas, ao mesmo tempo, o senhor dava um puxão de orelha no Meirelles, fazia uma pressão ali. Isso frustra o senhor um pouco, essa questão dos juros?

**Presidente:** Kennedy, se você descontar a inflação, você vai perceber que nós temos juros de 5,35.

**Jornalista:** Isso, ao ano.

**Presidente:** Nós pegamos juro quase de 12% ao ano. Segundo, é preciso ter em conta o seguinte: qual o empresário brasileiro, dos grandes empresários, que toma juros a taxa Selic? Nenhum. Eles vão ao BNDES, eles pegam juro quase zero. Eles vão à Caixa Econômica, para financiamento habitacional, o juro é quase zero. Vai ao Banco do Brasil para a agricultura, o juro é quase zero. Quem toma dinheiro em dólar, quase zero. Portanto, você tem 25% do crédito brasileiro que é tomado na taxa Selic, que é o próprio governo. Segundo, o Brasil tinha R\$ 380 bilhões de crédito, Kennedy, quando nós





chegamos, 380. Hoje, o Brasil está com R\$ 1 trilhão e 700 bilhões de crédito. Até você pode tomar dinheiro emprestado hoje, com facilidade.

**Jornalista:** Presidente, o Datafolha também pediu aos entrevistados que apontassem espontaneamente, ali, em quais áreas o desempenho do governo foi pior. Aí os números são os seguintes, Presidente: saúde, para 23%; segurança pública, 19[%]; educação 7[%]; e corrupção 6[%]. O que o senhor acha dessa leitura, de que a saúde é o principal problema, é o calcanhar de Aquiles do seu governo?

**Presidente:** Deixa eu lhe contar a Saúde... Um problema, Kennedy, que eu vejo, da Saúde. Tem duas coisas: Saúde e corrupção. A Saúde, eu nunca vi uma reportagem indo a um hospital visitar uma pessoa que foi bem-sucedida, que fez um tratamento, que sarou, ficou bonita. Tudo o que aparece na televisão é a desgraça.

**Jornalista:** É, mas é porque está ruim.

**Presidente:** Não, veja, é que no mesmo hospital que tem uma desgraça saindo por uma porta, tem uma coisa boa saindo pela outra. O que eu estou dizendo não é maldade não, é que é... Se eu fosse repórter, seria a mesma coisa. Ou seja, vocês botam defeito porque você quer consertar. Quando na verdade, veja, uma coisa que aconteceu na Saúde, nós tínhamos aprovado o PAC da Saúde por unanimidade, onde nós iríamos colocar R\$ 24 bilhões na Saúde. O que aconteceu? Uma fatídica noite, os tucanos e o DEM, de ódio e de raiva, me tiraram, em quatro anos, R\$ 150 bilhões da Saúde. Ou seja, desmontou o PAC da Saúde que nós tínhamos montado para o segundo mandato, que ia ter o mesmo sucesso do PAC em infraestrutura.



**Jornalista:** Mas a arrecadação cresceu, Presidente.

**Presidente:** Não, não, veja.

**Jornalista:** De um modo geral...

**Presidente:** Ela cresceu, cresceu também para a Saúde, mas menos do que nós deveríamos crescer.

**Jornalista:** E na questão da corrupção?

**Presidente:** Segundo, a questão da corrupção. A corrupção, Kennedy, só tem um jeito de não ter notícia de corrupção: é não ter corrupto ou você jogar embaixo do tapete. Não existe precedente na história do Brasil, você pode conversar com a CGU, você vai perceber duas coisas importantes: primeiro, grande parte das denúncias contra o governo é feita pelo próprio governo. É a CGU que prepara os relatórios para os tribunais de contas. Segundo, ninguém, ninguém, se você somar todos os presidentes da República, ninguém investigou o tanto que nós investigamos. Nós prendemos policiais federais, prendemos mais de 1 mil e 500 servidores públicos, ou seja, eu tenho dito publicamente o seguinte: só existe um jeito de você não ser molestado, é você andar na linha.

**Jornalista:** Presidente, o senhor falou naquela entrevista que me deu há um ano que naquela questão do mensalão havia uma tentativa de golpe da oposição. Recentemente, o senhor repetiu essa mesma frase em um discurso do senhor. Eu tenho informações de bastidores de que o senhor acha que não existiu o mensalão. O que é o mensalão para o presidente Lula?



**Presidente:** Mas não fique fazendo juízo de valores. Um dia você pergunte para mim, quando eu não for mais presidente, que eu tenho mais coisa para falar.

**Jornalista:** Mas fala agora.

**Presidente:** Deixa eu lhe contar uma coisa: eu acho no mínimo um absurdo, ou seja, você pode ter um cara ou dois caras, 40 caras que praticaram o mensalão, eu não acredito, eu não acredito.

**Jornalista:** O Delúbio Soares e o Marcos Valério não são personagens reais, Presidente?

**Presidente:** Você acha que um companheiro... Não. Todo mundo é real, todo mundo está vivo, todo mundo está processado.

**Jornalista:** Terceirizaram ali a tesouraria do PT (incompreensível).

**Presidente:** Mas eu quero saber....

**Jornalista:** Diga.

**Presidente:** Eu quero saber o seguinte.

**Jornalista:** O que o presidente Lula acha?

**Presidente:** Eu quero saber: você acha que o companheiro João Paulo tinha mensalão para votar no PT, se ele era do PT e presidente da Câmara?



**Jornalista:** Mas aquele dinheiro (incompreensível).

**Presidente:** É para outra coisa.

**Jornalista:** O que é que é?

**Presidente:** Ele vai dizer no processo. Eu não posso dizer.

**Jornalista:** O senhor acha que é o quê? É caixa dois?

**Presidente:** Eu não posso dizer. Eu não posso dizer.

**Jornalista:** Ele recebeu o dinheiro.

**Presidente:** Eu acho que eles fizeram uma lambança eleitoral.

**Jornalista:** Essa é a sua opinião.

**Presidente:** O que você acha que o Luizinho fez com R\$ 20 mil? Você acha... Ele era líder do governo. Você acha que o partido tinha que comprar o Luizinho por R\$ 20 mil para ele votar em uma coisa do governo? Fundador do PT, companheiro histórico do PT. Ele deveria ter tido coragem e ter assumido que foi uma lambança eleitoral, que ele queria ajudar vereador, por que não assumiu?

**Jornalista:** Por que aconteceu esse descontrole nas finanças do PT?

**Presidente:** Veja, eu não sei. Não sei, veja, eu, como presidente da República, e se um dia você for, você vai ter esse mesmo comportamento, ou seja, não foi



descontrole nas finanças do PT. Eu acho que foi exagero, presunção de pessoas que acharam que poderiam prometer o que não poderiam prometer, o que não tinha como prometer. Ninguém pode prometer dinheiro para outro partido que quer trabalhar conosco.

**Jornalista:** Pois é.

**Presidente:** Ora, quem quiser (incompreensível).

**Jornalista:** (Incompreensível) promessa de dinheiro para outro partido?

**Presidente:** (Incompreensível) dando prestígio do Presidente, já está (incompreensível) prestígio do Presidente. É que houve um equívoco, meu filho, e as pessoas vão pagar pelo equívoco. Uma coisa, Kennedy, é o seguinte: uma coisa é o que eu defendo para mim, defendo para você, defendo para o meu inimigo e defendo para mim, e defendo para o meu amigo. É o seguinte: todos nós temos todos os direitos do mundo.

**Jornalista:** A presunção da inocência.

**Presidente:** Todos nós temos que andar na linha. Errou, pagou.

**Jornalista:** Quem o senhor acha que errou no mensalão? O José Dirceu?

**Presidente:** Vamos esperar, vamos esperar.

**Jornalista:** (Incompreensível).



**Presidente:** Não, não, não, não. Seria da minha parte desastroso se eu fizesse um pré-julgamento aqui. As pessoas estão se defendendo. Eu não sei se vai entrar em 2011 na pauta, 2012. Nós vamos acompanhar de perto isso para a gente ver o que aconteceu.

**Jornalista:** Saiu na imprensa que o José Dirceu disse que o Lula disse para ele que quando sair da Presidência vai querer investigar essa (incompreensível).

**Presidente:** Primeiro, deixa eu te contar, comigo... Não fale comigo que “o Lula disse, que disse, que não disse, que não disse”. Pergunte (incompreensível).

**Jornalista:** Mas eu estou falando claramente. Eu estou perguntando... O senhor vai querer investigar alguma coisa depois que sair da Presidência?

**Presidente:** Eu vou querer estudar um pouco o que aconteceu no período. Agora, passados cinco anos, de cabeça fria, vou reler a imprensa, vou ver o que aconteceu em cada jornal, em cada revista, para que a gente possa remontar, fora do clima de guerra daquele instante, um juízo de valores do que aconteceu.

**Jornalista:** Presidente, eu lembro que numa entrevista, há uns 3 anos, o senhor falou que não tinha ministro forte. Era aquela história em relação ao José Dirceu e ao Antônio Palocci, no primeiro mandato, de que lá são os ministros fortes, que tem presidente forte. Mas eu pergunto para o senhor: o governo do senhor melhorou ou o senhor ficou mais livre para poder governar com mais sucesso mesmo, depois da saída do José Dirceu e do Palocci? Porque eu me lembro que, quando o José Dirceu saiu, a Dilma foi para a Casa Civil e ela tem o perfil gerencial que o senhor desejava que o José Dirceu



tivesse e ele não tinha. E o Palocci, na área econômica, resistia muito a uma inflexão, para se ter um pouquinho mais de gasto público, o senhor, na crise, acabou fazendo. A saída dos dois acabou ajudando o Lula?

**Presidente:** Não...

**Jornalista:** Nesse sentido, eu estou perguntando, claramente, ao senhor.

**Presidente:** Então, deixa eu te contar uma coisa: o José Dirceu, todo mundo sabe que o José Dirceu é um animal político, ou seja, tem pouca gente que vive a política como vive o José Dirceu. Então, eu acho que o José Dirceu, na Casa Civil, teve uma dubiedade entre o animal político que o José Dirceu era e a necessidade de ser o gerente do governo. Ou seja...

**Jornalista:** Faltou técnica para (incompreensível) tudo, não é?

**Presidente:** Na minha opinião, era peso demais para uma pessoa tocar, sabe? Por isso é que nós separamos, depois, a Casa Civil...

**Jornalista:** Na reforma ministerial.

**Presidente:** Segundo, o Palocci, veja, nós devemos muito ao Palocci, devemos muito ao Palocci porque eu acho que era preciso ser como o Palocci foi, naquele primeiro momento, sabe? Era preciso ser como ele foi.

**Jornalista:** 2003 naquele começo de governo Lula...

**Presidente:** Eu fiquei nervoso com o Palocci quando, em 2005, a economia caiu muito, não era para cair.



**Jornalista:** Caiu em 2004, (incompreensível)

**Presidente:** Não, não, em 2004 nós tivemos um PIB de 5,8%.

**Jornalista:** Ah, 2004, é verdade, em 2005, caiu.

**Presidente:** Que foi que você nunca pediu desculpas para mim, que foi o negócio do espetáculo do crescimento. Eu disse “o espetáculo do crescimento” em julho, na porta da Ford...

**Jornalista:** Não, o espetáculo do crescimento está acontecendo agora.

**Presidente:** Aconteceu em 2004, 5,8% cresceu o PIB.

**Jornalista:** Ah, mas depois caiu, então...

**Presidente:** Caiu por quê? Caiu por causa de uma crise política da pesada. Então, eu fiquei muito nervoso com o Palocci naquele episódio da queda. Ele reconheceu que houve exagero no endurecimento dele... Mas, veja, eu sou agradecido ao Palocci e ao Meirelles, porque eles fizeram muito bem para este país. Depois, quando foi necessário o Brasil dar um salto mais, um passo a mais, o Guido deu. Então, eu acho que houve uma combinação perfeita, o Palocci foi importante em um momento, o Guido foi importante em outro momento, e é assim que a gente vai tocando a política.

Agora, tem uma coisa, Kennedy, que é o seguinte, olha, eu tenho um jeito de trabalhar que é o seguinte: eu converso muito com os ministros, eu discuto muito economia, embora eu não seja economista, mas eu também não sou bobo, eu conheço as coisas bem porque vivo muito. Então, eu vivo





cobrando as pessoas, eu vivo cobrando, sabe? Eu me reúno com o Guido toda semana, me reunia com o Guido e com o Meirelles toda semana, para as coisas poderem andar, meu filho.

**Jornalista:** Presidente, eu sei que o senhor tem um compromisso e nós vamos ter que acompanhar o senhor ao longo do dia. Só queria falar, rapidamente, com o senhor, tente falar, rapidamente, sobre algumas coisas, aqui: o senhor sempre diz... fala muito da dona Lindu, falou ontem, mesmo, lá no palanque. O senhor imagina o que ela diria para o senhor se ela estivesse viva, hoje, e visse o governo que o senhor fez e está saindo agora, isso passa pela sua cabeça? O que ela diria?

**Presidente:** Ah, eu não sei. Eu não sei porque a minha mãe também, ela tinha muito orgulho de mim, acho que pelo fato de eu ser o caçula. Você sabe que a minha mãe morreu sem saber que eu estava preso. Ela tinha até medo de que eu fosse para o sindicato. Aí, eu acho que, se ela fosse viva, ela seria uma velhinha bem orgulhosa, bem faceira com o seu filho.

**Jornalista:** E o senhor Aristides, o seu pai – que o senhor citou ontem também, mas o senhor cita mais raramente.

**Presidente:** O Aristides, deixa eu te contar, eu... quando eu tinha menos formação política, eu era mais duro com o meu pai, mas, hoje, eu compreendo melhor a dureza com que ele foi criado. A rudeza dele era da origem da criação dele, então eu também já estou mais flexível, estou com...

**Jornalista:** ...compreensivo em relação a ele...

**Presidente:** ... já estou menos agressivo.



**Jornalista:** Que mensagem o Lula, não o Presidente, gostaria de deixar para o povo brasileiro, agora que ele vai deixar o Palácio do Planalto?

**Presidente:** Ô, Kennedy, você falou da minha mãe, veja, eu... eu tive... eu sou um sujeito que tem uma coisa engraçada. Você sabe que eu tenho três sogras, você sabe que eu sou um cara que adotei uma sogra, a sogra...a sogra... a mãe do primeiro marido da Marisa mora conosco, é minha comadre, e eu adotei ela, porque eu aprendi a conviver bem com essas pessoas. Dizem que marido não se dá com sogra. Eu me dou bem, tive três e me dou bem, uma adotada. E a Marisa, Kennedy, que teve um papel muito importante na minha vida. A Marisa parece aquela figura frágil, mas eu lembro no ano [19]78, quando, às vezes, batiam à noite na minha casa, meia-noite, uma hora da manhã, a Marisa fechava a porta e não deixava eu sair, ela falava: “Eu vou sair!”. Ela que saía. A Marisa é uma guerreira. Então, eu acho que ela contribuiu para eu chegar onde eu cheguei. A minha mãe é a minha imagem mais forte.

**Jornalista:** E o povo? Que mensagem (inaudível)?

**Presidente:** O povo, ô, Kennedy, eu tenho uma relação... eu tenho uma relação muito, mas muito sincera e você vê a minha relação com o povo nos meus olhos, não é na minha palavra. Eu me sinto bem. Eu, pegar uma pessoa, por mais pobre que seja, abraçar, beijar. Você vê, aquele companheiro, ontem. Aquele companheiro que (incompreensível)...

**Jornalista:** (incompreensível) o pau-brasil lá...



**Presidente:** Ele viu eu plantar um pau-brasil cinco anos atrás, ele viu que alguma pessoa cortou o pau-brasil. Ele sai da casa dele, todo dia, carregando um balde d'água para ir aguar o pau-brasil. É uma coisa... forte.

**Jornalista:** Presidente, muito obrigado, boa noite para o senhor, e espero poder entrevistar o senhor, de novo, quando sair da Presidência, está bom?

**Presidente:** Nós vamos, nós vamos. Eu estou devendo para você uma entrevista quando eu deixar a Presidência...

**Jornalista:** A primeira.

**Presidente:** ... para falar de coisas que a instituição Presidente não pode falar.

**Jornalista:** Fechado?

**Presidente:** Aliás, eu vou lhe convidar quando eu for ver o primeiro jogo do Corinthians, você vai junto.

**Jornalista:** Vou lá. Tomara que seja contra o Santos, para eu ver o Neymar fazendo gol.

**Presidente:** Isso, vá lá, vá. Corinthians e Santos.

**Jornalista:** Obrigado, Presidente.

**Presidente:** (incompreensível)



**Jornalista:** Boa noite, acompanhe as notícias pelo meu Twitter e também pelo nosso *site* na internet. Você pode ver e rever todas as entrevistas lá. Tenha uma excelente semana, e muito boa noite.

## PARTE 2 AVIÃO PRESIDENCIAL

\_\_\_\_\_ : O jornalista conversou com Lula na viagem de volta para Brasília. No avião presidencial, Lula falou de economia e de política externa.

**Jornalista:** Neste avião aqui, o senhor tomou alguma decisão importante, recebeu uma notícia de muito impacto?

**Presidente:** Olhe, várias decisões eu tomei aqui no avião porque isso aqui, no fundo, no fundo, é um espaço de trabalho. Eu, todas as vezes que eu viajo, todos os ministros que viajam comigo vem para cá, e eu aproveito e despacho as coisas que são pertinentes aos ministros daquelas áreas. Muitas das decisões do PAC nós tomamos aqui – inclusão de obras no PAC, retirar obras do PAC, foram tomadas aqui no avião. Muitas conversas com o Meirelles, muitas conversas com o Guido... Decidimos muitas coisas aqui.

**Jornalista:** Muita bronca no Meirelles e no Guido na política econômica?

**Presidente:** Não, eu não costumo dar bronca, Kennedy. Eu costumo conversar com as pessoas e ver... fazer as pessoas entenderem que tem outro jeito de fazer as coisas. E você sabe que eu sou grato, sou grato por tudo que eles fizeram pelo Brasil e por mim. Você pode ter críticas de que houve erro aqui, houve demora ali, mas, quando você vai fazer uma síntese, você percebe que a...



**Jornalista:** Fotografia.

**Presidente:** A fotografia é mais positiva do que negativa.

**Jornalista:** Presidente, o avião está muito relacionado a sua política externa, não é? Para muitos, a política externa do Brasil, ela é muito pragmática em relação aos amigos e ela é muito dura em relação aos adversários, como foi na questão de Honduras e, às vezes, em alguns embates com os Estados Unidos. Como é que o senhor responde a essa crítica de um pragmatismo excessivo?

**Presidente:** Não, primeiro, não existe problema de ser duro contra adversários. O presidente de Honduras não era meu adversário. Nós fomos duros foi contra um golpe, porque não aceitamos ele em Honduras, não aceitamos ele no Brasil, não aceitamos ele em lugar nenhum. Nós não fomos duros. Eu mantenho relação com os países como chefe de Estado independentemente do pensamento político das pessoas.

**Jornalista:** É uma posição de princípio não aceitar golpe. Quando o governo brasileiro não tem uma atitude de princípio em relação aos presos cubanos ou à política interna do Irã, o Brasil não está beneficiando o Irã e Cuba, como não beneficiou Honduras, Presidente?

**Presidente:** Não, veja, nós não estamos beneficiando. Nós temos demonstrado uma linha de respeito à autonomia e à soberania de cada país. Eu não posso ficar criticando cada coisa e cada aberração que acontece nos Estados Unidos, que trazem prisioneiros de outro lugar, vão para a Ilha de Guantánamo para torturar. Eu não estou criticando, como eu não estou criticando a Rússia, como eu não estou criticando a China, como eu não estou



criticando a Índia, muito menos o Irã e Cuba. Ora, cada país adota a política, tem soberania. Eu não critico a posição da Colômbia com relação às Farcs; é um problema do governo. Na nossa relação entre Estados, a gente não olha o perfil ideológico, a gente olha a saúde da relação entre o Brasil e os outros países.

**Jornalista:** Agora, o Marco Aurélio Garcia, que é o seu assessor internacional, já falou que em diversas vezes o Brasil atuou nos bastidores pela libertação de presos em Cuba, por uma maior abertura no Irã. No bastidor, o senhor procura atuar com posições mais de princípio, presidente Lula?

**Presidente:** Veja, o problema não é uma questão de princípio, Kennedy. O problema é que você não pode ferir a relação que você tem com um chefe de Estado. Ninguém gostaria que um cidadão de fora ficasse dando palpite sobre a vida que você tem dentro da tua casa com a tua família.

**Jornalista:** O senhor falou com o Raúl Castro, não falou?

**Presidente:** Veja, então, quando você discute nos bastidores, você está discutindo uma coisa de maior intimidade com as pessoas: “é bom fazer isso”, “não é bom fazer aquilo”, “seria prudente você fazer isso”, não seria prudente você fazer isso”. No fundo, no fundo, você está dando um conselho e a pessoa vai aceitar se quiser ou se não quiser.

Eu sempre tive muito cuidado na nossa relação internacional para que a gente não ferisse a sensibilidade das pessoas. É uma coisa muito delicada. Qualquer palavra equivocada que você fale, você pode criar um problema enorme para o país. Então, eu sempre tive muita cautela e, graças a Deus, vou deixar o governo vencedor nessa nossa política externa.



**Jornalista:** Presidente Lula, durante muito tempo o senhor e o presidente da França, o Nicolas Sarkozy, tiveram uma relação muito boa. No momento em que a França apoiou os Estados Unidos no Conselho de Segurança da ONU, em uma posição contrária à brasileira em relação ao Irã, essa relação esfriou? O senhor está um pouco decepcionado com o Sarkozy?

**Presidente:** Veja, não esfriou nem a minha relação com o Sarkozy, nem com o Obama, nem com Medvedev, nem com Hu Jintao e nem com a Inglaterra por conta do que aconteceu no Conselho de Segurança.

**Jornalista:** Todos eles tiveram a mesma posição, não é?

**Presidente:** Veja, é lógico, eu não sou membro do Conselho de Segurança e eu não estava tentando negociar com o Irã. O que aconteceu, na verdade? É que a queixa que os presidentes tinham era de que o Irã não topava sentar à mesa de negociação. Eu tive uma conversa com o Irã em Nova Iorque. Depois eu fui para Pittsburgh e tive uma conversa com o Obama, com o Medvedev, com o Hu Jintao, com... na época, era o Gordon Brown, tive uma conversa com o Sarkozy, e nenhum deles tinha conversado com o Ahmadinejad. E eu dizia: “Como é que é possível vocês manterem essa divergência, estar há tanto tempo, se vocês nunca conversaram?”. Cheguei a dizer para o Obama: “Obama, você é presidente do país mais importante do mundo. Pega o telefone, liga para o Ahmadinejad e chama para uma conversa, porque é assim que a gente resolve os conflitos”.

**Jornalista:** O que ele disse para o senhor?

**Presidente:** E aí, aí eu disse, nessa mesma conversa, eu disse ao Obama: “Eu estou indo a Israel, estou indo à Palestina e estou indo ao Irã”. Eu fui a Israel,



fui à Palestina. Eu disse que não ia ter paz no Oriente Médio, porque não é possível que não se envolva todos os interlocutores para resolver o problema. Você tem Israel, você tem a Palestina, mas, dentro da Palestina, você tem vários grupos, dentro de Israel você tem vários grupos; você tem mais a Síria, você tem mais o Irã. Ou seja, se essas pessoas todas não estiverem em uma mesa de negociação para negociar, não tem solução. Ficam os Estados Unidos achando que são donos do conflito, Israel achando que só ele pode resolver, e não resolvem.

**Jornalista:** O senhor está pessimista em relação a essa situação no Oriente Médio hoje?

**Presidente:** O que eu tenho sentido é que tem piorado. Do ponto de vista do acordo, tem piorado. Aquilo tem servido para dar Prêmio Nobel, mas paz, concretamente, não tem acontecido. Então, veja, eu me dispus a ir ao Irã; fui ao Irã. A Rússia, a França foram mais compreensivos e acharam que não deveriam fazer sanções antes de eu viajar. Eu viajei sem sanções. Ora, o que eles diziam? Eles diziam que nós não iríamos convencer o Ahmadinejad a sentar à mesa de negociação. Nós tínhamos estabelecido, com o Sarkozy, a liberação da francesa. Eu cheguei lá à meia-noite, às seis horas da manhã a francesa foi liberada. Significa que o Irã cumpriu a primeira parte do compromisso com o Brasil.

**Jornalista:** Deu um sinal.

**Presidente:** A segunda coisa: parecia que o Irã não ia negociar. À meia-noite tinha gente da minha delegação nervosa, que não ia dar certo. Eu fui jantar com Ahmadinejad. Eu falei: “Presidente, eu vim aqui, eu vim aqui, estou dando as minhas costas para baterem, para fazer um acordo. Eu acho que o senhor





precisa fazer um acordo, sentar à mesa de negociação, porque o Brasil defende para o Irã o que nós defendemos para nós: utilizar a energia nuclear para fins pacíficos”. Vai que vai, e eu falei para o Ahmadinejad: “Eu não vou embora sem um acordo”. Qual não foi a surpresa do Obama, do Sarkozy e dos outros que, no outro dia, o Ahmadinejad assina o acordo. Ora, eles que deveriam ter festejado, eles que deveriam ter telefonado para o Brasil e para a Turquia, agradecidos. Eles ficaram com ciúmes.

**Jornalista:** Fizeram uma... organizaram uma nova rodada de sanções no Conselho de Segurança.

**Presidente:** Não, e ficaram com ciúmes e resolveram punir. É como se você tivesse que castigar uma criança, a criança pedisse desculpa, refizesse [reparasse] o erro, e ainda assim você falasse: Eu vou bater, porque eu já prometi.

**Jornalista:** Mas isso é ciúme ou é porque o Brasil está ficando mais importante na cena internacional e eles não querem que o Brasil cresça e tenha influência?

**Presidente:** Eu acho que incomoda, eu acho que incomoda o mundo o fato de o Brasil estar mais importante no cenário internacional. Eu acho (falha na gravação) sozinho, que tem dez mulheres, daqui a pouco chegam nove homens, você vai ficar chateado: “Por que é que chegou tanto homem?”. Eles acham que só eles podem cuidar das coisas. E nós não temos que pedir licença para negociar a paz. A paz, negocia quem pode, quem quer, quem tem história.



**Jornalista:** O senhor falou com o Ahmadinejad recentemente? Como é que está a posição dele em relação a essas sanções, a uma tentativa de um novo acordo? O senhor pretende tentar um novo acordo quando sair da Presidência?

**Presidente:** Eu acho que eles vão, ô Kennedy, eu acho que, em algum momento, eles vão sentar para conversar. Acho que o Irã está compreendendo que somente a paz é que vai possibilitar o Irã crescer, se desenvolver. Eu digo isso a todos os presidentes: Em época de guerra a gente não faz nada; é em época de paz que a gente investe em Educação, que a gente investe em Saúde. Essa é a coisa que o Brasil tem falado lá fora, que nós temos discutido lá fora. Lamentavelmente, as pessoas que compõem o Conselho de Segurança não perceberam que esse Conselho de Segurança está velho, esse Conselho de Segurança representa uma geografia política da Segunda Guerra Mundial.

**Jornalista:** Agora, o senhor descarta, no futuro, em 2011, eventualmente participar de uma articulação pela Secretaria-Geral da ONU, presidente Lula?

**Presidente:** Veja, primeiro deixa eu te dizer. O que eu penso é que a Secretaria-Geral da ONU tem que ser dirigida por um burocrata, e não por um político. Acho muito grave...

**Jornalista:** E se houver uma reforma da ONU?

**Presidente:** Veja, deixa eu lhe falar. A reforma da ONU é outra coisa, é para você colocar uma maior representatividade, a África estar representada, a Índia estar representada, o Japão estar representado, a América do Sul estar representada, a América Latina estar representada. É para isso que nós



queremos a reforma. Quem não quer a reforma? Aqueles que têm força e tomam decisões unilaterais.

**Jornalista:** Congela uma situação que está aí desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

**Presidente:** Então, eu acho que não é prudente você colocar um político na Secretaria-Geral da ONU.

**Jornalista:** Então, o senhor descarta?

**Presidente:** Eu descarto, eu descarto. Eu acho que não daria certo, porque, se amanhã eu quisesse ser candidato a Secretário-Geral da ONU, amanhã o presidente dos Estados Unidos vai querer ser. Agora, você imagine os Estados Unidos dirigindo a ONU e dirigindo o mundo como eles fazem? Seria um desequilíbrio total, e eu acho que seria irresponsável isso.

Então, o Brasil continua querendo a reforma, ela vai acontecer, é uma questão de tempo. Todo mundo já acha que é favorável à reforma, não tem mais ninguém contra a reforma. O que é a discussão? Todo mundo fica com melindre: vai colocar o Japão, a China é contra; vai colocar a Alemanha, a Itália é contra; vai colocar o Brasil, o México quer ser; vai colocar que país da África? A África do Sul? É a Nigéria? Quem vai colocar?

**Jornalista:** (incompreensível)

**Presidente:** É o Egito? Então, tem essa ciumeira toda que nós... eu acho que vamos chegar, em algum momento, a um acordo. Eu acho que nós já avançamos, já tem a compreensão, acho que o Sarkozy vai ajudar muito para que haja a reforma do Conselho de Segurança da ONU, e eu acho que a Dilma



vai continuar levando essa mesma bandeira de defesa da renovação no Conselho de Segurança da ONU.

\_\_\_\_\_ : No final da entrevista exclusiva, Lula abordou o seu futuro político e a vida fora do poder em Brasília.

**Jornalista:** E ser candidato a Presidente de novo um dia, pode ser?

**Presidente:** A gente nunca pode dizer não, sabe? Eu fico até com medo. Amanhã, alguém vai assistir a tua entrevista e vai dizer: “Lula diz que pode ser candidato”. Veja, eu não posso dizer “não” porque eu sou vivo, sou presidente de honra de um partido, sou um político nato, construí uma relação política extraordinária. Acho que o Brasil tem uma gama de líderes extraordinários que podem disputar. Você tem a Dilma, que pode ser reeleita tranquilamente, você tem o Eduardo Campos, você tem Jaques Wagner, você tem Cid (Gomes), você tem... você tem... o governador Sérgio Cabral, você tem... Na oposição, você tem o Aécio, você tem o Serra, que disse que ainda vai fazer oposição. Então, o que não falta é candidato. Então, é muito difícil dar qualquer palpite agora. Vamos trabalhar para a Dilma fazer um bom governo, e, quando chegar a hora certa, a gente vê o que vai acontecer.

**Jornalista:** Já pensou o que vai fazer no dia 2 de janeiro?

**Presidente:** Eu vou descansar. Eu, finalmente, eu vou descansar, quero... quero tirar umas férias, que eu não tiro há 30 anos, umas férias merecidas, sem compromisso. Serão umas férias prolongadas, eu quero ficar pelo menos uns dois meses sem fazer, absolutamente, nada, sem discutir política, sem... Eu quero descansar realmente. Eu preciso desencarnar, eu quero tirar de dentro de mim a coisa e os compromissos do Presidente da República. Eu



preciso voltar a falar como um brasileiro normal. Normal eu nunca mais vou ser, mas um brasileiro o mais próximo da normalidade possível.

Eu acho que eu vou conseguir isso, eu acho que vai ser bom para o Brasil, vai ser bom para a Dilma, vai ser bom para todo mundo, se eu ensinar como é que os ex-presidentes tem que se portar: sem se meter na vida dos outros.

\_\_\_\_\_ : Lula também conversou com Kennedy Alencar durante a visita às obras da transposição das águas do rio São Francisco. O encontro aconteceu dentro de um túnel, por onde a água do rio será desviada.

**Presidente:** Olhe, esta obra aqui, Kennedy, ela foi pensada, desde 1847, pelo imperador Dom Pedro. Problemas políticos e econômicos, certamente, não permitiram que eles fizessem e outros governantes tentaram fazer. Em todas as campanhas, alguém anunciava, alguém prometia. Eu nunca prometi porque eu dizia que era preciso, primeiro, estudar a viabilidade para depois a gente fazer. E eu, então, comecei a pedir primeiro para pegar o projeto básico, depois pedi para o José Alencar começar a trabalhar o projeto, depois o Ciro Gomes. E eu cheguei à conclusão de que era a redenção do semiárido nordestino se você conseguisse trazer água para atender a 12 milhões de famílias que vivem nessa região. Então, eu estou feliz porque, na hora em que esta obra estiver concluída, nós estaremos resolvendo um problema, eu diria, de séculos e séculos de miséria, de fome, de desespero de famílias que moram nessa região.

**Jornalista:** Tem um simbolismo muito grande.

**Presidente:** É um simbolismo de vida muito forte. Nós tivemos que enfrentar barreiras enormes porque você tem o Ministério Público, você tem o Tribunal



de Contas, você tem... teve movimentos que eram contra. Eu acho inacreditável que as pessoas prefiram que a água vá para o mar, se perder, do que a gente trazer um copo d'água para o povo do Nordeste. Eu acho que até as pessoas não sabem o que é carregar um balde d'água na cabeça, um pote na cabeça, água barrenta, e nós estamos oferecendo a oportunidade de trazer para as pessoas água de qualidade, água potável, água para o ser humano beber, para os animais beberem e um pouquinho dela até para fazer... fortalecer a agricultura familiar.

**Jornalista:** E, o aspecto técnico da obra, o senhor sabe quantos quilômetros têm este túnel?

**Presidente:** Ora, este túnel... este túnel é um túnel extraordinário. Ele tem 15 quilômetros... 15,4 quilômetros. Depois tem mais um de dois quilômetros, e aí, você vai fazer com que a água atenda aos estados que têm necessidade de água, que são o Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e uma parte de Pernambuco.

\_\_\_\_\_ : Ao longo da viagem, Kennedy Alencar ouviu políticos e empresários sobre o legado dos oito anos de governo Lula.

**Depoimentos:** - Essa população que estava esquecida, que estava abandonada, ela foi inserida dentro do consumo, então, hoje, essa classe média baixa ou os assistidos, que estão dando suporte para a economia, para o mercado interno brasileiro, é a grande obra do presidente Lula. Ele trouxe, para o consumo, 50 milhões de pessoas, novos consumidores e que poderão ascender a outras classes.

- Ele olhou o Brasil, as regiões brasileiras sempre com um olhar diferenciado, cuidando do que tem que ser feito em São Paulo, do que tem que



ser feito no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, mas olhando sempre de forma especial para o Norte e para o Nordeste brasileiro. E as desigualdades no Brasil, além de regionais, elas são também sociais. Então, o Lula permitiu ao Brasil as condições para o Brasil crescer, isso, naturalmente, ajudou os bancos, ajudou as grandes empresas, mas ele teve sempre um foco, como política principal do governo, oferecer uma condição de vida melhor para as pessoas mais pobres.

- É um governo que cuidou do Brasil real, não ficou no Brasil oficial.

**Jornalista:** Qual é a importância desta obra que o presidente visita hoje?

**Depoimento:** - Liberdade, democracia, cidadania porque a água, durante muito tempo, foi instrumento de dominação do povo no Nordeste, pelas elites políticas e econômicas. Eu acho que levar água, é levar vida, saúde, mas é levar liberdade.

\_\_\_\_\_ : Na passagem pelo Nordeste, Lula foi cercado por multidões em clima de despedida.

**Depoimento:** Para mim, ele é o cara. Não tem nada que... que represente que ele não tenha melhorado, desde meio ambiente, corrupção. Tudo ele acabou, melhorou, e o Brasil, agora, está vivendo um momento que nunca viveu antes na história.



Presidência da República  
Secretaria de Imprensa

---

**Entrevista do Presidente da República**

---

(\$31DHJLP)